

2. O Homem

Gonçalo Ribeiro Telles

É agrónomo, arquitecto paisagista, construtor de jardins e paisagens e professor. Militante da cultura, da ecologia, da qualidade de vida.

Católico, monárquico e democrata. Sempre independente, mesmo quando fundou vários movimentos monárquicos, quando se opôs à ditadura, quando protagonizou diversas dissidências, quando apoiou Humberto Delgado, quando fundou o Partido Popular Monárquico, a que presidiu, quando se candidatou ao Parlamento e à Assembleia da República, quando apoiou e fundou a Aliança Democrática ou quando pertenceu a vários governos revolucionários provisórios e a um governo constitucional. Sempre independente de espírito. Sempre livre.

É um dos pioneiros da ecologia e da defesa do ambiente e da Natureza em Portugal. Como foi um dos principais dirigentes de vários movimentos e associações culturais, com relevo especial para o Centro nacional de Cultura. Humanista, lutador, militante católico e defensor de uma sociedade civil forte e autónoma. Sempre independente e livre!

Realizou um dos grandes sonhos dos homens cultos: fez jardins, a começar por estes da Gulbenkian, de que foi co-autor e ainda hoje é guardião e cuidador. Perce-



POR
António Barreto

Sociólogo

beu, como ninguém, a eterna e indelével relação entre o homem e a terra, entre os homens e o seu território, relação esta que a burocracia e a cupidez ameaçam de morte todos os dias. E não se pense que os campos, porque mais próximos da Natureza, são a sua causa primordial. Não. A sua principal luta foi pelas cidades. Cidades com Natureza, rodeadas pela Natureza, dentro da natureza. Com certeza. Mas cidades, o local da vida moderna, da cultura contemporânea e da liberdade.

Foi dos primeiros a perceber a profundidade e a humanidade da ecologia,

no que esta tem de conservador da natureza e de revolucionário na organização da sociedade. Devemos-lhe a persistência e a teimosia do seu combate por cidades habitáveis e por campos tranquilos. Há quarenta, há cinquenta, há sessenta anos que ouvimos, primeiro com uma voz do além, estranha e lunática. Depois com um tom de alerta e alarme que anunciava catástrofes e soava a excêntrica. A seguir, com a voz da razão, mas que parecia vizinha do impossível. Finalmente, com a força do realismo e da urgência. Nesse combate, nessas ideias, ele não mudou. Mudámos nós. Foi ele que nos ajudou a mudar.

Tivessem os Portugueses em geral e as autoridades em particular dados ouvidos a este homem que, parecendo profeta, é um dos mais realistas que conheço, e Lisboa, os estuários, as cidades do nosso litoral desgraçado e os arredores das nossas pobres áreas metropolitanas teriam evitado muitos dos seus desastres, a começar pelas cheias e inundações e a acabar na penosa vida de tantas pessoas que, diariamente, perdem duas ou três ou mais horas da sua vida em deslocções desordenadas e sacrificadas. Tivessem os Portugueses dados ouvidos a este homem e haveria hoje, nas grandes cidades, mais parques e jardins, mais locais de paz e sossego, mais hortas e mais bosques.

Só conheci Ribeiro Telles depois da fundada a democracia. Antes disso, sabia dele pelos jornais e pelo que me chegava ao exílio. Com a revolução, não teve de mudar muito, apenas se limitou a fazer legalmente o que, antes, fazia por outros meios: lutar pelos seus ideais monárquicos e democráticos. Fê-lo



Humanista, lutador, militante católico e defensor de uma sociedade civil forte e autónoma. Sempre independente e livre!

sempre com espírito republicano, crença nos direitos dos cidadãos, na palavra do povo e nas regras da democracia.

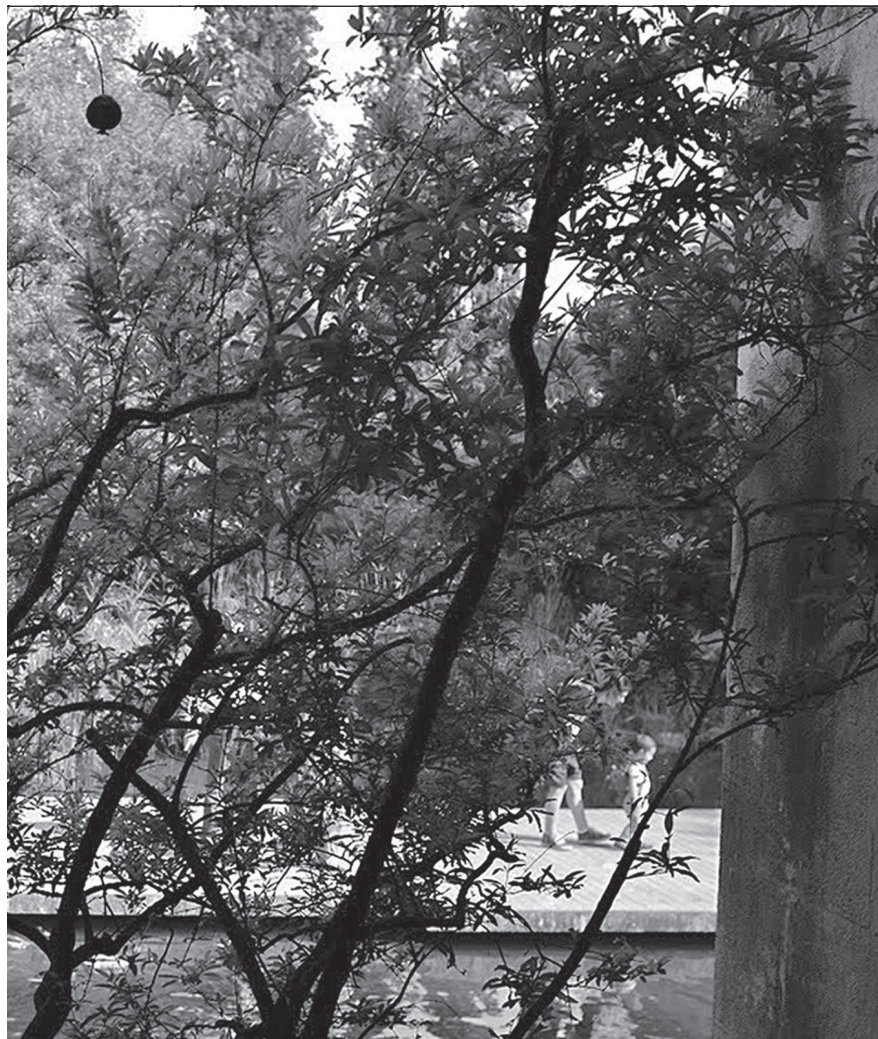
Em 1975, pertencemos ao mesmo VI governo provisório, chefiado este pelo Almirante Pinheiro de Azevedo. Ele já era secretário de Estado do Ambiente pela segunda ou terceira vez. Naquele governo, como nos anteriores, todos espiavam todos! Metade do governo estava entusiasmado a fazer a revolução, enquanto outra metade se empenhava em a travar. Assim entretidos, esqueceram-se de Ribeiro Telles! Não o vigiaram. Do Ambiente e da Ecologia não podia vir mal ao mundo. Só que Gonçalo sabia ao que vinha. Preparava-se e preparava o que podia. Nos interstícios da revolução e da contra-revolução, Ribeiro Telles preparava o Ambiente. Um dia, numa reunião do Conselho de Ministros, discutiam-se problemas essenciais, a falta de dinheiro, a inflação galopante, as ocupações de terras e empresas, os saneamentos, o armamento para as polícias (que não tinham...), as agitações nas forças armadas, os problemas com a Assembleia Constitucional cujo funcionamento estava posto em perigo pelos inimigos da democracia. As reuniões duravam pela noite fora. Ribeiro Telles, como Secretário de Estado do Ambiente junto da Presidência do Conselho, assistia a uma dessas reuniões. Geralmente, pelo que vi, discretamente. Era já tarde, os ministros queriam ir-se embora, dormir ou conspirar, o Primeiro-ministro estava cansado. Ribeiro Telles, de uma voz doce, pediu a palavra: havia, na ordem do dia, um ponto previsto e diplomas para serem aprovados. A voz e o tom eram de tal modo diferentes do que até aí se tinha ouvido que a palavra lhe foi dada. As caras incrédulas do Primeiro-ministro e dos restantes ministros mereciam caricaturista à altura. Foi Gonçalo que os apanhou de surpresa. Trazia consigo plantas e planos, esboços, desenhos, gravuras e contas. Queria defender as Zonas Húmidas, a começar pela Ria Formosa e, creio, o estuário do Tejo. Definiu essas misteriosas zonas, explicou o que eram e representavam para o país, a natureza, a sociedade, a fauna e a flora. Deu exemplos de espécies de animais, especialmente aves, que se extinguíam gradualmente. Tentou mostrar o que se perderia, o que perderíamos com isso. Falou de umas aves, já não sei se de bico mole ou de bico amarelo, cuja vida estava condenada sem a protecção dessas zonas húmi-



Não se deixou impressionar pelo olhar superior de alguns ministros (...). Até altas horas, defendeu a sua causa, argumentou, deu exemplos. No fim, tinha ganho

das, ameaçadas agora pelo descuido, pela especulação e pela urbanização selvagem. Forçou a nota: o que perderiam os Portugueses, como povo e como país, com a morte dessas zonas, dessas aves e dessas plantas. Mostrou convincentemente que

as espécies migradoras deixariam de vir a Portugal. Falou baixinho, com voz doce, mas muito firme. Não se deixou impressionar pelo olhar superior de alguns ministros que consideravam que aquela voz de outra galáxia estava ali deslocada, não fazia parte daquele esforço para salvar o país, a democracia e os Portugueses. Até altas horas, defendeu a sua causa, argumentou, deu exemplos. No fim, tinha ganho. Não sei exactamente os passos subsequentes, nem como foram aprovados os decretos que se seguiram para proteger a dúzia e meia de zonas húmidas que existem em Portugal e que se mantêm protegidas na Reserva ecológica nacional, tudo tendo começado pela adesão de Portugal ao Tratado internacional de protecção das zonas húmidas que entrou em vigor nesse ano ou logo a seguir. Mas foi naquela noite que percebi que, na mais quente das discussões políticas, por entre os argumentos mais passionais, a voz da razão e o fundamento do estudo podem ganhar. Quando terminou o Conselho, os ministros continuavam convencidos das suas razões, nem sei se todos terão percebido o



Falou de umas aves cuja vida estava condenada sem a protecção dessas zonas húmidas, ameaçadas agora pelo descuido, pela especulação e pela urbanização selvagem. Forçou a nota: o que perderiam os Portugueses, como povo e como país, com a morte dessas zonas, dessas aves e dessas plantas

que se tinha passado, mas havia no ar um sentimento de terem cumprido um qualquer dever e prestado um serviço ao país.

Foi este mesmo homem que, dois anos depois, já em período em que se começava a enraizar a democracia, eu me atrevi, com a ajuda de Carlos Portas, a convidá-lo para Director Geral da Reforma Agrária, num dos mais difíceis momentos de estabelecimento da ordem democrática no Alentejo e no Ribatejo. Iria ter um mandato de envergadura: trazer a paz àquela região, torná-la pacífica e produtiva, aproveitando os recursos, cuidando da natureza, sem nunca esquecer que são homens livres que vão viver dela, ou antes, que vão viver com ela. Não hesitou muito. Aceitou. Não chegou a tomar posse: a política pura desviou as orientações até aí seguidas, o destino imediato foi outro.

Depois disso, vimo-nos várias vezes, convivemos um pouco. No Centro Nacional de Cultura ou na Casa de Mateus, sempre pronto a lançar novas ideias, a defender a terra e os homens, a denunciar os disparates e os erros da política, da burocracia, da corrupção, da especulação

e da cupidez. Cruzámo-nos em candidaturas à Câmara de Lisboa ou em sessões de esclarecimento nas quais Gonçalo persistia em mostrar que era possível e aconselhável construir e preservar um corredor verde capaz de permitir a um macaco de ir, de ramo em ramo, da avenida da Liberdade até Monsanto, depois daí até Oeiras e finalmente até Cascais ou Sintra. Parecia risível, do outro mundo, mas era verdade e realista. E talvez venha a ser concretizado. Já estivemos mais longe.

Por estas histórias, parece que Ribeiro Telles é um vencedor, como agora se diz. Que ganha todas as suas causas. Não é verdade. Este homem generoso e doce teve dezenas de derrotas. Projectos preparados, planos idealizados, alarmes lançados e causas defendidas sem êxito foram às dezenas. Construções excessivas, volumetrias disparatadas, ribeiras destruídas, linhas de água destruídas, hortas esmagadas e património demolido, assim como parques perdidos, oportunidades de florestação abandonadas e jardins desperdiçados foram mais que muitos. Até no Cabeço das Rolas, de beleza e interesse

indiscutíveis, no Parque das Nações, Ribeiro Telles perdeu, nesse mesmo sítio onde os gestores ignorantes, os amigos do betão e os tecnocratas convencidos realizaram intervenções que tiveram como principal resultado o de afastar de vez as rolas que davam vida ao cabeço.

Mas as suas derrotas têm esta marca única: mais tarde, em novas condições, são reconhecidas como alertas convincentes e realistas com efeitos nas políticas e nos comportamentos. Nisso, Ribeiro Telles não é um Profeta, é um pioneiro. É nessa condição incómoda que Ribeiro Telles foi tratado de visionário, no que o termo tem de mais arrogante por parte de quem o usa; de provocador, pelos espíritos bem pensantes de uma sociedade acomodada; de nostálgico dos velhos tempos do feudalismo e das sociedades agrárias, pelos adeptos do cimento e das mais-valias; de irrealista, por parte dos complacentes incapazes de um só argumento racional; de sonhador, pelos interessados na cupidez e no negócio da natureza; de reaccionário, pelos defensores de uma sociedade monolítica e de falsa utopia libertadora. Tudo isso lhe foi dito e sobre ele foi escrito. Para nossa alegria, Ribeiro Telles tinha razão!

Este homem simples e generoso, doce e suave, apesar de firme e determinado, passeia-se nos salões dos poderosos, come pastéis de bacalhau na leitaria da esquina, frequenta seminários académicos, bebe um refresco em locais inimagináveis, conversa com toda a gente, intervém em colóquios científicos, trata por tu grandes e pequenos. Dele, da sua vida e da sua obra, retiram-se lições importantes. A honestidade, em primeiro lugar. A sinceridade com que se defende uma causa ou uma ideia. A capacidade para distinguir o importante do acessório, o essencial do que dá nas vistas, o quase eterno do efémero. A firmeza da convicção, alicerçada esta, não na gabarolice da teimosia, mas no estudo sério, na investigação fundamentada. A certeza de que o longo prazo e o durável são mais importantes que o imediato e o passageiro. E a garantia de que a influência, pelo exemplo, pelo estudo e pela autenticidade, é bem mais importante do que o poder obtido pelas habituais armadilhas e pelos estafados golpes de prestidigitação política. Nesse sentido, Ribeiro Telles é mais político do que a maioria dos políticos profissionais. ■